

Círculos Dialógicos Investigativo-formativos virtuais: reinventando Freire a partir de novos caminhos metodológicos para se repensar a EJA

Autora: Nisiael de Oliveira Kaufman¹

Autor: Celso Ilgo Henz²

Autor: Micheli Daiani Hennicka³

Eixo 3: Educação de Jovens e Adultos

Resumo: O presente artigo relaciona-se com uma dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), intitulada: *A Formação Inicial de professores das licenciaturas para Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio: desafios e possibilidades*. Essa teve como metodologia a abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, com enfoque hermenêutico, mediante a análise documental, a aplicação de entrevistas semiestruturadas e a proposição de Círculos Dialógicos Investigativos-formativos virtuais, a partir de temas geradores que emergiram das entrevistas com acadêmicos de alguns cursos de licenciaturas da UFSM, que atuaram na etapa do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em seus estágios supervisionados. Os referidos círculos virtuais se configuraram como uma nova forma de conceber a pesquisa, inspirada nos *Círculos de Cultura* de Paulo Freire. Instauramos com exclusividade uma nova possibilidade de intervenção, potencializando redes e espaços de interlocuções por meio das tecnologias já tão presentes em nosso cotidiano. Além de intensificar as formas de comunicação, os círculos virtuais viabilizaram a flexibilidade, a dinamicidade, a espontaneidade e a originalidade na pesquisa. Diante dessa intervenção, constatou-se a dificuldade de articulação teoria/prática e a necessidade de uma maior abordagem e aprofundamento da EJA nos cursos de licenciaturas da UFSM, considerando que essa modalidade possui muitas particularidades a serem reconhecidas na formação inicial dos futuros profissionais da educação.

¹ Mestre em Educação; Especialista em Gestão e Organização da Escola e Pedagoga. Técnica em Assuntos Educacionais na UFSM. Email: nisraeloliveira@bol.com.br

² Doutor em Educação; Mestre em Educação; Filósofo e Teólogo. Professor na UFSM. Email: celsoufsm@gmail.com

³ Mestre em Educação; Especialista em Gestão Educacional e Pedagoga. Professora a distância na UFSM. Email: michipedag@yahoo.com.br

Primeiras Palavras

Trazemos neste artigo, algumas reflexões e apontamentos suscitados a partir da pesquisa que se intitulou: “A formação inicial de professores das licenciaturas para Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio: desafios e possibilidades”, e teve como problemática de pesquisa: “A formação inicial de professores na Universidade Federal de Santa Maria vem preparando seus acadêmicos para atuarem na Educação de Jovens e Adultos, considerando as possibilidades e desafios dessa modalidade no Ensino Médio?”.

Destacamos a proposição dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, de forma virtual, como um dos principais *inéditos-viáveis*⁴ da pesquisa. Esse momento foi um rico espaço de aproximação e conhecimento de cada coautor em suas *inteziras* sendo determinante para os desdobramentos subsequentes.

Para análise desse estudo, adotamos a perspectiva hermenêutica, de forma que em toda condução da pesquisa se considerassem as particularidades, as vivências e significações de cada sujeito envolvido. Todas as mediações se estabeleceram através do diálogo e do encontro com a alteridade do outro. Isto é, conceber uma prática dialógica, de autoria, autonomia e escuta sensível.

Assumimos esse foco de pesquisa por entender que são muitos os embates quanto a uma formação que contemple as reais necessidades deste campo de atuação. A perspectiva de educação voltada para os processos seletivos, excludentes e/ou classificatórios não tem contemplado as reais necessidades e interesses da EJA, uma vez que deveria se conceber um processo educacional que articule os saberes da escola e os saberes da experiência, isto é, entender que toda e qualquer atividade humana vem carregada de significação e que os diferentes grupos sociais podem implicar-se na *práxis*⁵ (teoria↔prática) educativa.

A transformação os espaços formativos para EJA: caminhos possíveis através dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos virtuais

⁴ Esse conceito surge a partir das “situações-limites” quando na condição de oprimido, os sujeitos acreditam que mediante a determinantes históricos não há nada a fazer, só se adaptar. Porém ao perceberem que são capazes de se implicarem nos desafios impostos pela sociedade, “...passam para um *percebido-destacado*, se sentindo mobilizados a agir e a descobrir o *inédito-viável*” (FREIRE, 1992, p. 106 - Nota de Nita Freire). É nesse momento que podemos viver o “inédito-viável” como perspectiva positiva numa práxis do possível.

⁵ A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (FREIRE, 1987, p. 21). Ela se relaciona com a forma de interpretar a realidade e a prática que origina desta compreensão, gerando um processo de atuação consciente que leve a uma ação transformadora.

A proposta metodológica dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos surgiu no Grupo de pesquisas *Dialogus: Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire*, da UFSM, sendo que, inspirados nos *Círculos de Cultura*⁶ de Paulo Freire e reinventando seu legado, idealizamos uma nova proposta metodológico-epistemológica que, propiciando um espaço-tempo auto(trans)formativo, desse voz a professores(as) e acadêmicos, refletindo sobre suas práticas educativas e os desafios na busca por uma escola/universidade comprometida com a transformação da educação em todas as suas dimensões. Assim,

[...] todos os sujeitos são participantes e caracterizam-se como coautores e construtores de conhecimentos e práticas que sirvam para intervir nos problemas levantados, refletindo e analisando sobre como se dão as diferentes relações e interações na *práxis* educativa escolar e na sociedade” (HENZ, 2014, p. 03).

De uma forma dialógica, reconhecemos cada coautor como construtor de conhecimento e portador de diferentes posicionamentos, valorizando suas particularidades, tendo como pressuposto o diálogo, numa construção coletiva de reflexão e conscientização. Dessa forma, todos participam ativamente do movimento que envolve a pesquisa, construindo também possibilidades por meio da conscientização/ auto(trans)formação, que ocorre não de forma linear ou neutra, mas de maneira cooperativa, dialética e responsavelmente comprometida e atuante, vistas a uma educação e uma sociedade com condições para que todos possam *ser mais*.

Isso implica que todos os participantes sejam coautores/interlocutores da pesquisa, apesar de haver um pesquisador líder mediando os diálogos investigativo-formativos. “Os(as) pesquisando(as) não são apenas objetos da pesquisa, mas também sujeitos e lugares de análise e enunciação” (ROMÃO, et. al. 2006, p. 177-178).

Acreditamos que a dialogicidade, a amorosidade e o respeito ao saber do outro são aspectos fundamentais para a (des)construção e (re)construção de nossas práticas educativas, para que elas se transformem em *práxis* educativas mais humanizadoras e significativas. Nessa perspectiva, cada participante do diálogo vai “dizendo a sua palavra” e se auto/constituindo como ser humano em constante transformação, em busca do *ser mais*, na perspectiva de Freire. Como afirma Henz (2014) quando ressalta que pela “leitura do mundo e leitura da palavra”, intentamos desvendar a realidade, desenvolver a capacidade crítica e

⁶ Conforme Brandão (2010) associado às experiências de cultura popular os círculos se difundiram e se tornaram uma nova forma e norma de trabalho coletivo. O círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. “O professor que sabe e ensina quem não sabe e aprende aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende” (p. 69).

criativa pela qual chegamos à conscientização enquanto comprometimento com a transformação.

Fundamentando-nos na ideia de que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 78), optamos por este caminho, rompendo com a uniformidade da pesquisa científica, invertendo o olhar na perspectiva do outro, sendo que, neste sentido, o pesquisador passa a ser um mediador de saberes.

Para isso, destacamos como pontos essenciais para a organização dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos alguns momentos que guiam os movimentos da pesquisa. Eles não seguem uma ordem, mas acontecem de forma “circular”, ou melhor, em “espiral”, conforme a necessidade/interesse do grupo que está envolvido, respeitando o tempo e construção de cada um. São esses: a escuta sensível; o olhar aguçado; a percepção de inacabamento; a escolha das temáticas a partir da leitura de mundo e das necessidades explicitadas na entrevista semiestruturadas; o desvelamento – possibilidade de transformação da realidade; o diálogo-problematizador (construção coletiva e saberes compartilhados); a conscientização; e finalmente, a auto(trans)formação de pesquisadores/coautores.

Diante do exposto, reforçamos que, através do movimento em espiral, os sujeitos em cooperação passam a se perceberem como agentes transformadores; e se refazem, mobilizando saberes. Inaugura-se, assim, uma nova forma de ver sua realidade e, a partir do processo de ação-reflexão-ação, educandos e educadores passam a lutar por outros caminhos e outras pedagogias e epistemologias possíveis.

Neste sentido, os círculos virtuais foram organizados da seguinte maneira:

- A partir das principais temáticas que emergiram dos diálogos iniciais (entrevista semiestruturada), foram organizadas problematizações para os referidos círculos a partir dos temas geradores.
- Criamos um grupo fechado na rede social “facebook” para os diálogos, sendo que todas as informações utilizadas foram mantidas no anonimato.
- As postagens partiram de propostas dinâmicas e diversificadas, para que todos se sentissem motivados a dizerem a sua palavra, trocar experiências e manifestarem suas impressões, inquietações e concepções.
- O espaço foi moldado na processualidade dos diálogos e descobertas, sendo que todos os sujeitos coautores puderam contribuir com materiais (textos, imagens, slides, dinâmicas, desafios) sobre a temática em questão.

- Comentários impróprios seriam automaticamente excluídos para evitar qualquer tipo de constrangimento.
- Os sujeitos coautores puderam participar em dias oportunos, sem necessidade de regularidade com horários definidos. No entanto, a contribuição de todos foi de extrema valia para que as intervenções enriquecessem ainda mais esta pesquisa que foi cooperativa; portanto, com a autoria de todos os envolvidos.

É importante destacar que, nesta pesquisa, a escolha pelos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, de forma virtual, se deu pelo fato de a maioria dos acadêmicos já formados terem retornado para suas cidades natais, o que inviabilizou uma proposta de encontro presencial enquanto grupo. Porém, acreditamos que esta foi mais uma forma inovadora de reinventar Freire, nos inspirando-nos em seus *Círculos de Cultura*.

Romão (2011) lembra que o educador se voltava contra formalizações de métodos estáticos e passivos, pois era preciso reconhecer a necessidade de uma leitura de mundo para além das técnicas. Assim, os *Círculos de Cultura* tinham como pressuposto epistemológico: “aprender e ensinar todo o tempo” (GADOTTI, 2003, p. 48), sendo que todas as falas dos pares eram levadas em consideração, tendo o diálogo como instrumento dinâmico por excelência.

Freire não queria discípulos ou seguidores, mas recriadores de seu pensamento, que através de *inéditos viáveis* rompessem com situações de opressão, resgatando o sonho, a utopia e a esperança por mudanças. Nesta perspectiva, propomos essa metodologia como uma nova possibilidade de intervenção, considerando a realidade e a especificidade dos sujeitos coautores da pesquisa.

Refletindo sobre a *práxis* educativa vigente nas escolas e nas universidades, o desafio está em assumir ações que criem um ambiente e relações de vivência da cidadania em todos os seus aspectos e dimensões, para uma maior *genteidade*⁷ de todos, seja na escola, seja na sociedade.

Com base nas palavras de Fiori, acreditamos que os círculos virtuais como metodologia, possibilitaram aos pesquisadores/coautores que através do diálogo, se encontrassem e reencontrassem todos no mesmo mundo comum. “Assim, juntos, recriam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No círculo de

⁷ Termo característico do educador Henz (2010b), quando se refere a homens e mulheres que vão se descobrindo como totalidades complexas; redescobrem-se, condicionados(as) e inconclusos(as), em “uma sociedade em que todos e todas tenham condições de ser mais e gostar de ser gente”(p.50), “com a ousadia de correr o risco da aventura histórica como possibilidade de vislumbrar e construir horizontes mais esperançosos” (p. 62).

cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciências” (FIORI, 1987, p. 06).

[...] a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. Quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos (FREIRE, 1985, p. 36).

Inspirados em Freire, priorizamos uma pesquisa que tivesse como princípios orientadores a interação e coautoria dos sujeitos participantes, concretizando, metodológica e epistemologicamente, o esforço de compreensão da realidade vivida, a fim de alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade, pela experiência da (auto)reflexão e auto(trans)formação de homens e mulheres. Nesse viés, o diálogo e o processo de conscientização foram primordiais para o entrelaçamento de saberes, concepções e vivências.

Algumas considerações

Os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos virtuais foram organizados considerando as questões que se apresentaram com maior notoriedade e que pudessem dialogar com os objetivos da pesquisa. Todo planejamento se estruturou a partir das problematizações evidenciadas pelos próprios acadêmicos/ coautores da pesquisa. Após as entrevistas semiestruturadas, destacamos alguns pontos significativos s serem aprofundados nos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos virtuais; assim, organizamos nossa proposta de intervenção, a partir de temas geradores, e, que posteriormente nos embasariam na análise das construções de campo da pesquisa.

Os diálogos aconteceram de forma leve e desprovidos de formalidades. Os sujeitos envolvidos colaboraram de forma surpreendente, mediante a uma reflexão crítica e conscientização, que a todo instante nos desafiavam a reavaliar nossas próprias práticas e posicionamentos. Dessas primeiras reflexões surgiram inúmeros impasses e lacunas referentes à formação inicial dos cursos de licenciaturas da UFSM. Comuns entre si, três questões emergiram com maior intensidade nas manifestações: a dificuldade de articulação teoria/prática; o déficit na formação pedagógica (conteudista); e os currículos insuficientes/pouca abordagem da EJA.

Diante disso, ao assumimos o compromisso de compreender a formação inicial das licenciaturas para EJA, surgiram alguns esclarecimentos, mas também indagações que nos inquietaram e embasaram todos os contornos dos círculos. A partir das principais questões, procuramos elaborar problematizações que, de maneira dinâmica, suscitassem novas interlocuções. Nesse sentido, trabalhamos a partir de imagens, tirinhas, vídeos, fragmentos de obras sobre a temática, artigos e mensagens... e, por fim, disponibilizamos outros materiais específicos da EJA, para posteriores aprofundamentos. Pensamos em propostas que possibilitassem reflexões e/ou trocas sobre as peculiaridades da EJA, e que ao mesmo tempo, de forma diversificada, oportunizassem a cada um “dizer a sua palavra”.

Nesse contexto, os encontros/círculos de forma virtual, indiscutivelmente se configuraram como a opção mais adequada e distinta para consolidar essa interconexão. Todavia, no decorrer dos círculos, na medida em que percebíamos certo desinteresse por parte de alguns coautores, íamos adaptando e/ou modificando nossas intervenções. Tal circunstância, mediou os movimentos da pesquisa, que foi (re)definida, (re)pensada e (re)criada sempre que necessário, legitimando a participação e a construção coletiva. Portanto, alguns fatos se desconstruíram durante os diálogos, para que se pudesse dar lugar a outras mediações.

Após o encerramento dessa proposta, nos debruçamos a entender todo o processo percorrido ao longo de nossos diálogos, e, nos fundamentando na obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”⁸, de Paulo Freire, optamos por utilizar esse enfoque em nossas análises, guiando-nos nos seguintes princípios: respeito aos saberes dos educandos (saber escutar/ ter disponibilidade ao diálogo); reflexão crítica sobre a prática (consciência do inacabamento/ comprometimento); compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo (risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer tipo de discriminação/alegria e esperança).

Embasamo-nos nesses pressupostos por perceber que essas temáticas perpassaram nossas reflexões, advindas do movimento dialético em que estivemos envolvidos.

Com isso, os impasses encontrados nessa pesquisa, chamam por novas posturas institucionais, principalmente no que diz respeito às reestruturações nos cursos que formam futuros educadores. Portanto, as reflexões tecidas podem contribuir tanto para a formação

⁸ FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

inicial dos cursos investigados, como para os demais cursos de licenciaturas que, evidentemente, também necessitam de maior embasamento para atuação na Educação de Jovens e Adultos.

Não obstante, as consequências/frutos dos círculos de forma virtual, foram incrivelmente surpreendentes, por isso, reforçamos a relevância dessa proposta diferenciada, que além de possibilitar a dinamicidade da pesquisa, constituiu-se em uma forma inovadora, autêntica e original de troca de conhecimentos e reconstrução de saberes, possibilitando a interação/ conexão entre os coautores, expandindo as formas de pensar e produzir pesquisa.

Referências:

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Dicionário Paulo Freire**. In: ZITKOSKI, J. e STRECK, D. R. (Orgs.) 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, Conceito: Círculo de Cultura, 2010, p. 69-71.

FIORI, Ernani Maria. **Aprender a dizer sua palavra** (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987, p.6; 8; 11.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1992.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

HENZ, C. I. Dialogando sobre cinco dimensões para (re) humanizar a educação. In: ANDREOLA, A, B. et al. **Formação de Educadores**: da itinerância das universidades à escola itinerante. Ijuí: Editora Unijuí, 2010b. p. 49-62.

_____. Círculos Dialógicos Investigativo-formativos: pesquisa-formação permanente de professores. In: VIII Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire: por uma Pedagogia dos direitos humanos. **Anais**. Bento Gonçalves: IFRS: 2014.

ROMÃO, José Eustáquio (org.); et.al. **Educação e Linguagem**: Globalização e Educação. n. 13, São Bernardo do Campo: U. Metodista, 2006.

_____. **Paulo Freire e a educação de adultos**: teoria e práticas. Brasília: Liber Livro, 2011.